

## CAIXA PRETA

Estudos apontam que valor cobrado por operadoras de saúde poderia ser mais baixo, tendo em vista queda de 17% no custo real dos Dispositivos Médicos, apontados como vilões da história

# O sobrepreço dos planos de saúde

» VERA BATISTA

Estudos inéditos da Aliança Brasileira da Indústria Inovadora em Saúde (ABIIS), o 'Índice ABIIS Compras Públicas' e o 'Índice ABIIS Importação - IAI' vão ajudar a abrir a "caixa preta" dos preços dos planos de saúde e podem mudar a vida dos consumidores. As pesquisas analisam a defasagem de preço de dispositivos médicos nas compras públicas e na importação no Brasil, nos últimos seis anos, com o objetivo de desmistificar a tese de que as novas tecnologias oneram os planos de saúde. Os levantamentos mostram que os dispositivos médicos (DMs) não são "os vilões" ou os responsáveis por onerar os custos da saúde pública ou privada, já que os preços tiveram queda real (descontada a inflação) de 17%, em seis anos.

No período, o valor nominal da cesta (70 mil produtos) teve alta de 25,8%, diante de inflação acumulada (Índice Geral de Preços do Mercado - IGP-M) de 51,52% e da valorização do dólar de 33,08%. Os levantamentos, explica o diretor executivo da ABIIS, José Márcio Cerqueira Gomes, levam em conta os preços cobrados nos portos e nas licitações governamentais para o Sistema Único de Saúde (SUS). "Em obediência à lei da concorrência, as empresas não revelem seus preços. Por isso, nos baseamos nos valores oficiais. E se o índice considera as licitações ou preços finais com impostos, também não é possível alegar que foram onerados pelos intermediários", assinala.

Com base nas comparações, ele reforça que ficou claro que "o índice global não acompanhou nem a inflação do período, muito menos as variações da taxa de câmbio". Gomes diz, ainda, que o estudo apenas comprova o que já se sabia. "Os dispositivos médicos não são os vilões da saúde. Pelo contrário. O stent cardíaco, por exemplo, teve uma defasagem de preço de 80,9%, considerando a inflação nos últimos seis anos, ou seja, está custando menos de um quarto do que custava em 2015", complementa.

Considerando os produtos isoladamente, foram avaliados, além do stent, as variações de preços das próteses de joelho (desvalorização de 51,3%); de testes sorológicos para vitamina D (-45,6%), HIV (-30,4%) e do hormônio estimulador da tireoide (TSH) (-33,4%); e dois equipamentos de diagnóstico por imagem: os ecógrafos (9,3%) e os aparelhos por ressonância magnética (-15,3%). "De sete itens analisados, apenas um teve alta e na casa de um dígito. As novas tecnologias são, sim, fundamentais para aumentar a produtividade e resolutividade do sistema de saúde, contribuindo para sua sustentabilidade", defende Cerqueira Gomes.

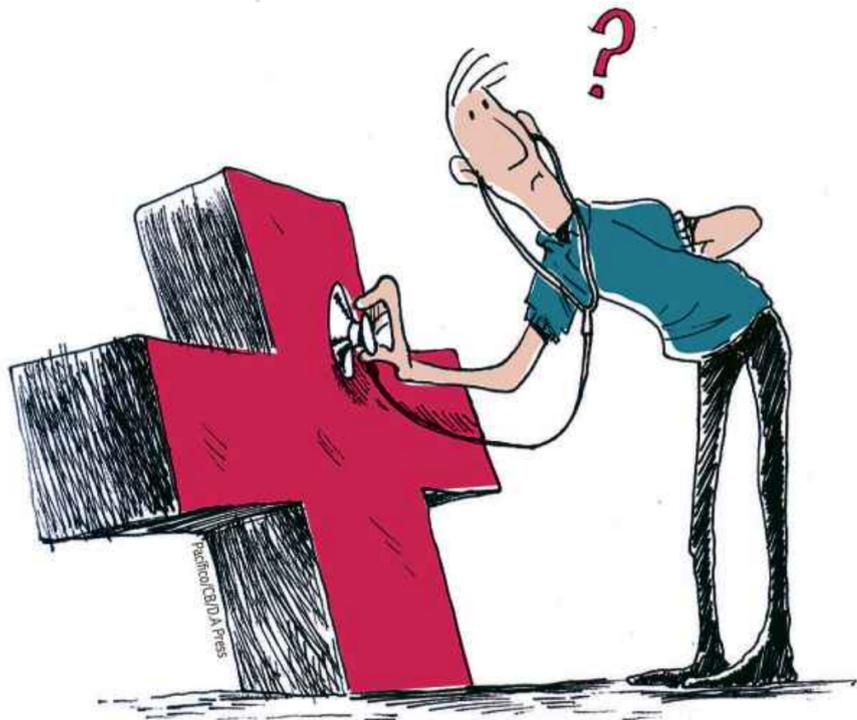
## Os importados

O 'Índice ABIIS Importação - IAI' revela que, assim como acontece com os produtos produzidos no Brasil, os itens de tecnologia médica importados — 40% do consumo local — também não pressionam o custo da saúde pública ou privada. O Índice analisou, entre janeiro de 2008 e dezembro de 2020, a cesta global de dispositivos médicos adquiridos no exterior, subdividida em três diferentes segmentos: dispositivos médicos implantáveis (DMI); reagentes e analisadores para diagnóstico in vitro; e materiais e equipamentos para a saúde.

Os preços da cesta de DMI — órteses, próteses e materiais especiais e materiais necessários para a sua utilização —, convertidos para o real e atualizados pelo IGP-M, caíram em média 1,5% ao ano e 18% nos últimos 12 anos. "O Índice ABIIS contraria os agen-

## Preço dos dispositivos médicos (DM)

Estudos inéditos propõem abrir a "caixa preta" dos preços dos planos de saúde. Apontam que nem os insumos e nem o avanço da tecnologia são os responsáveis pela alta no custo das mensalidades



### MOTIVOS

- Em seis anos, de 2015 a 2020, os preços dos DMs — importados ou produzidos no Brasil — no SUS tiveram queda real de **17%**, em relação ao dólar e ao IGP-M
- Os preços nominais da cesta de produtos (DM) registraram alta de **25,8%**, no período
- Já a inflação acumulada no período foi de **51,52%**
- E a valorização do dólar norte-americano, de **33,08%**.
- Portanto, o índice global não acompanhou nem a inflação do período muito menos as variações da taxa de câmbio

### EQUIPAMENTOS

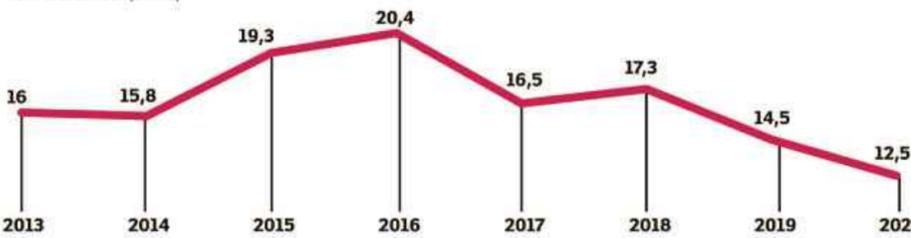
- Stent cardíaco teve defasagem de preço de **80,9%**
- Teste sorológico para vitamina D baixou **45,6%**
- Aparelhos de ressonância magnética **15,3%**
- Próteses de joelho tiveram desvalorização de **51,3%**
- Testes sorológicos para HIV baixaram **30,4%**
- Ecógrafos (para diagnóstico por imagem) caíram **9,3%**
- Aparelhos por ressonância magnética (**-15,3%**).

### O SETOR

- Movimenta **US\$ 10 bilhões** por ano
- Cria **138,9** empregos diretos
- E **254,4 mil** empregos indiretos
- Com mão de obra altamente especializada

### CONTRASTE

Mesmo com a queda nos DMs, como demonstra a ABIIS, o índice de Variação de Custo Médico-Hospitalar (VCMH), também chamado de inflação médica, vem crescendo. (em %)



\*Expressa a variação do custo das operadoras de planos de saúde, comparando dois períodos consecutivos de 12 meses. Ele considera a frequência de utilização e a variação dos preços de serviços como consultas, exames, cirurgias, tratamentos e internações.

Fontes: ABIIS e VCHM

tes pagadores desses produtos, que têm alegado que eles seriam os grandes responsáveis pela inflação da saúde no Brasil. Está comprovado que não são", afirma José Márcio Cerqueira Gomes.

Também houve queda significativa nos reagentes e analisadores para diagnóstico in vitro: média anual negativa de 0,7% e redução de 8,8%, em 12 anos. Gomes salienta que "reagentes e analisadores representam em torno de 19,9% da composição das despesas ambulatoriais em um ambulatório clínico". O único segmento com crescimento real nos preços dos importados foi o de materiais e equipamentos para a saúde (catéteres, linhas de sutura, seringas, agulhas, mobiliário de uso médico hospitalar, equipamentos de diagnóstico por imagem, entre outros). A alta média anual foi de 2,1% e de 30%, acumulada, no período analisado.

"No entanto, estes itens representam 8,5% dos gastos, ou impacto de 2,5% nos custos hospitalares acumulados nos 12 anos", explica. "Analisando o contexto macroeconômico, que tem exercido pressões adicionais sobre os importados, pela contínua valorização do câmbio acima da in-

flação, desde cerca de 2015, é possível afirmar que os produtos médico-hospitalares se desvalorizaram significativamente nos últimos anos", salienta Gomes. As variações estimadas no 'Índice ABIIS Importação - IAI' são dos preços praticados no porto. E os dois estudos foram feitos pelos economistas Emerson Fernandes Marçal e Patrícia Marrone.

## Público estratégico

Diante dos resultados das pesquisas, o diretor executivo da ABIIS, diz que não entende, do ponto de vista técnico, a justificativa para que a inflação médica seja tão alta. Nos últimos anos, mesmo com a queda nos DMs, o Índice de Variação de Custo Médico-Hospitalar (VCMH), também chamado de inflação médica, vem crescendo e variou entre 12,5% (em 2020) e 20,4% (em 2016). Segundo Gomes, a ABIIS quer ajudar a abrir a "caixa preta" dos preços dos planos de saúde. Os estudos serão apresentados à Agência Nacional de Saúde (ANS), Ministério da Saúde e órgãos de defesa do consumidor. Procurado, o ministério infor-

mou que caberia à ANS comentar os estudos. Por meio da assessoria de imprensa, a ANS respondeu que todas as explicações sobre como a Agência estabelece "o reajuste dos planos individuais ou coletivos" estão na página da internet. A Associação Brasileira de Planos de Saúde (Abramge), por outro lado, disse que "aguardará ter acesso ao conteúdo completo do mencionado documento elaborado pela ABIIS para se posicionar". A Federação Nacional de Saúde Suplementar (Fenasau), destacou, por meio de nota, que as operadoras seguem o que a ANS estabelece.

"Dentro do modelo mutualista que regula as relações na saúde suplementar, a expressiva alta dos procedimentos que ora observamos — seja em função de novas ondas do coronavírus, seja pela retomada de eletivos ou pelo expressivo aumento dos custos de insumos e matérias-primas — tende a continuar a ter reflexos bastante expressivos nos custos assistenciais ao longo dos próximos meses e, portanto, com efeitos sobre os preços das mensalidades a serem praticados no próximo ciclo de reajuste em 2022", reforçou a Fenasau.



# Brasil S/A

por Antonio Machado  
machado@cidadebiz.com.br

## País do bem e do mal

Dois imagens retratam o Brasil que se tem e o Brasil que se quer. A do Brasil que desembarcou do desenvolvimento 40 anos atrás se vê sem cortes nem censura na exposição das falcatruas no Ministério da Saúde trazidas à luz pelos principais senadores da CPI da Pandemia.

Os malfeitos são chocantes, agravados tanto por se darem à sombra das ações tomadas para o enfrentamento do vírus que já levou 530 mil vidas, milhares pela falta de empenho do governo na compra de vacinas, quanto por sabermos das incúrias graças a funcionários concursados não intimidados por militares e cupinchas de políticos lotados na Saúde pelo então ministro, general Eduardo Pazuello.

Desperdícios, contratos suspeitos, ausência de responsabilização individual explícita das chefias do ministério, carência de planos de curto, médio e longo prazo, baixo conhecimento sobre o SUS e sua operação tripartite (executiva por estados e municípios e provedora de insumos, recursos e diretrizes pelo governo federal, depois de aprovado pelo Congresso), chefias ocupadas por gente ordinária.

Em síntese, pois os registros de inépcia são fartos (e transcendem a pasta da Saúde), o que a CPI vem devassando com os depoimentos da alta cúpula da Saúde é a desorganização do setor público em geral — e menos por obra de seus quadros permanentes que pelo despreparo de ministros e governantes para planejar, administrar e entregar.

É da inapetência executiva do Estado brasileiro, que vem de longe e se tornou patética na atual gestão, que brota a corrupção. E ela é sistêmica, infiltra-se em todos os degraus da "firma" — seja ela governo eleito ou sistema permanente que lhe cabe gerir, orientar e controlar. A falta dessas premissas e de visão apartidária sobre a melhora da população explicam a secular frustração do progresso.

O Brasil com propósito independe de ideologia, ou não teríamos sido o país de maior crescimento econômico entre 1950 e início da década de 1980, com regimes democrático e autoritário neste longo período. O que se perdeu desde então? Essa é a pergunta chave. As respostas são múltiplas, já que talento sempre houve, mas hoje não mais aqui. O Brasil que se quer desponta lá fora, e não falo de jogador de futebol. Eles são *outstanding* onde mais precisamos.

## O sucesso que fala inglês

O senso de missão, essencial ao desenvolvimento mais econômico que social destas duas eras que inspiraram a fabulosa transformação da China depois de 1978, segundo o economista franco-americano Michael Pettis, professor em Pequim, desapareceu com a ruína da ditadura.

A gestão econômica se acocorou, o processo público se tornou arena de luta entre os lobbies do patrimonialismo e o fetiche fiscalista, desenvolvimento virou palavra maldita, e veio o êxodo dos jovens, que voltou a crescer, enquanto fracassamos por incúria e omissão.

O Brasil que se quer é visto nas carreiras excepcionais de dois jovens que foram estudar nos EUA, lá ficaram, e chegaram ao topo.

Um é Eduardo Saverin, 39 anos, cofundador do Facebook com Mark Zuckerberg, hoje cidadão de Cingapura, onde multiplicou sua fortuna investindo em startups de tecnologia da Ásia. Esta semana apareceu em 1º lugar no Brasil no ranking dos bilionários da *Forbes* com uma fortuna estimada em US\$ 19,5 bilhões.

Outro brasileiro, Cristiano Amon, 50 anos, também foi notícia, ao assumir a direção executiva da americana Qualcomm, CEO da gigante da indústria de semicondutores produzindo, entre outros componentes, chips do iPhone. A Qualcomm é um dos carros-chefes da estratégia do governo Biden para enfrentar a China na corrida tecnológica.

## Nosso liberalismo apedeuta

Como talento é qualidade universal, Saverin, Amon, entre outros em ascensão no mundo, porque aqui estariam desempregados, poderiam ter criado o Facebook no Brasil, se tivessem condições e oportunidades.

Mas como? A única fabricante nacional de semicondutores, a Ceitec, estatal criada em 2008 em Porto Alegre, será fechada porque não dá lucro, segundo o ministro da Economia, Paulo Guedes. Amon, formado em engenharia elétrica pela Unicamp, provavelmente trabalhasse lá, hoje estaria à procura de emprego. Nosso liberalismo é apedeuta.

O mundo sofre uma escassez de chips, montadoras estão parando suas unidades no Brasil por falta de componentes, e a Ceitec teve cartão vermelho por ser estatal e acumular prejuízo de R\$ 160 milhões. Não entra na conta superficial desses senhores o prejuízo pela dispensa de 180 pessoas com alta qualificação técnica. A isso chegamos.

Chegamos e regredimos. Mas esperar o quê de governantes sem noção sobre políticas de desenvolvimento, como o presidente da vez, que alega desconhecer economia e, quando se aventura a discorrer sobre o que não sabe, fala de mineração em terras indígenas, de grafeno e nióbio, desconhecendo que conhecimento é o que cria riqueza, como mostram os países que trazem o mundo a reboque? E sem educação, que lhe preocupa só o que lhe atija seus preconceitos, ninguém prospera.

## Fanfarrões não constroem

As coisas vão mudar para melhor? Um dia vão e mais cedo mudarão se se pensar desde já como mudar e para onde a partir de 2022, já que, por ora, restam as desinteligências de um governante adolescente, a petulância de políticos fisiológicos e a tecnocratismos de uma gente sem noção, e com muito pouca razão, na formulação econômica.

Pegue-se como exemplo o pacote do Imposto de Renda com mudanças de grande complexidade enviado à Câmara. O presidente Arthur Lira, um cardeal do Centrão, queria votar ainda este mês sem passar pela CCJ e comissões temáticas, sem audiência pública, para impedir que se constate que o resultado será um brutal aumento de carga tributária para bancar projetos eleitoreiros de Bolsonaro. É o não caminho.

O tema mais quente é a volta da tributação do lucro distribuído à alíquota de 20%. A maioria dos países onera o lucro distribuído aos acionistas, dizem ele e o secretário da RE Ok, têm razão. Só que a afirmação omite que a maioria dos países que tributa dividendos os abate da base de cálculo do IR das empresas. É cinismo de ambos?

O Brasil que se quer existirá quando o governante não xingar seus adversários de "imbecil", dizer que "nasceu naquele lugar", fazer piadas homofóbicas, politizar os quartéis, ameaçar não ter eleição sem voto impresso. Brasil de fanfarrões não constrói, só destrói.

Dois imagens resumem o Brasil. A da CPI é o Brasil que temos. O que se quer faz sucesso no exterior